

ODES MODERNAS

POR

ANTHERO DE QUENTAL

NOVA EDIÇÃO CONFORME A 2.^a
E SEGUIDA DE ALGUNS APÊNDICES



COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1926

3679

BIBLIOTECA
ANTONIO
SÉRGIO

59

ODES MODERNAS

POR

ANTHERO DE QUENTAL

NOVA EDIÇÃO



S. QUE. Ode
26-03-2009

COIMBRA
IMPRESA DA UNIVERSIDADE
1924

CXXV Na Vulgata

Euntes ibant et flebant, (5)
mittentes panem suum.

Venientes autem venient (6)
cum exultatione, portantes
manipulos suos.

Translatio hebraica de
Saut. Pagn. ~~et~~

(5) Eundo ibit, et plendo por-
tans panem suum semem,
(6) Veniendo veniet cum laude,
portans manipulos suos.

sem auster, bem na obra
antiga, verá q a idea de
jornada domina no conjunto das
partes, acompanhada de inopos
de movimento: o vento, as
ondas do mar, o turbilhão...

Essa jornada tem dois pontos:

LIVRO PRIMEIRO

a Terra, a luz, e a sensibili-
dade começa por um,
as penas q a intelligencia
começa por outros.

18 } Proudhon : Cracão de Craxim na H.
Quinet : Cristianismo e Rev. Fr.
Michelet : O Povo

Allein im Innern leuchtet helles Licht.

GOETHE: Faust.

Aqui, a Natureza é uma ascensão
para a Liberdade, que atinge o seu
fim no Homem: noção hegeliana.
ascendentes de pau-pisco e
já a ideia dos sonetos de Redem

I

PANTHEISMO

X

I

Aspiração... desejo aberto todo
N'uma ancia insoffrida e mysteriosa...
A isto chamo eu vida: e, d'este modo,

Que mais importa a fôrma? silenciosa
Uma mesma alma aspira á luz e ao espaço
Em homem igualmente e astro e rosa!

A propria fera, cujo incerto passo
Lá vaga nos algares da deveza,
Por certo entrevê Deus — seu olho baço

Foi feito para vêr brilho e belleza...
 E se ruge, é que a agita surdamente
 Tua alma turva, ó grande natureza!

Sim, no rugido ha uma vida ardente,
 Uma energia intima, tão santa
 Como a que faz trinar a ave innocente...

Ha um desejo intenso, que alevanta
 Ao mesmo tempo o coração ferino,
 E o do ingenuo cantor que nos encanta...

Impulso universal! forte e divino,
 Aonde quer que irrompa! e bello e augusto,
 Quer se equilibre em paz no mudo hymno

Dos astros immortaes, quer no robusto
 Seio do mar tumultuando brade,
 Com um furor que se domina a custo;

Quer durma na fatal obscuridade
 Da massa inerte, quer na mente humana
Sereno ascenda á luz da liberdade...

É sempre a eterna vida, que dimana
Do centro universal, do fôco intenso,
Que ora brilha sem véos, ora se empana...

É sempre o eterno germen, que suspenso
No oceano do Ser, em turbilhões
De ardor e luz, evolve, infimo e immenso!

Atravis de mil fôrmas, mil visões,
O universal espirito palpita
Subindo na espiral das creações!

Ó fôrmas! vidas! misteriosa escripta
Do poema indecifrável que na Terra
Faz de sombras e luz a Alma infinita!

Surgi, por cé, por mar, por valle e serra!
Rolai, ondas em praia, confundindo
A paz eterna em a eterna guerra!

Rasgando o seio immenso, ide sahindo
Do fundo tenebros do Possível,
Onde as fôrmas do Ser se estão fundindo...

Abre teu calix, rosa immarcessivel!
Rocha, deixa banhar-te a onda clara!
Ergue tu, aguia, o vôo inaccessible!

X Ide! cresci sem medo! não é avára
A alma eterna que em vós anda e palpita...
Onda, que vai e vem e nunca pára!

X Em toda a fôrma o Espírito se agita!
O immovel é um deus, que está sonhando
Com não sei que visão vaga, infinita...

Semeador de mundos, vai andando
E a cada passo uma seara basta
De vidas sob os pés lhe vem brotando!

⊕ Essencia tenebrosa e pura... casta
E todavia ardente... eterno alento
Teu sopro é que fecunda a espher vasta...
Choras na voz do mar... cantas o vento...

Porque o vento, sabei-o, é prégador
Que através das soidões vai missionando
A eterna Lei do universal Amor.

Ouve-o rugir por essas praias, quando,
Feito tufão, se atira dás montanhas,
Como um negro Titan, e vem bradando...

Que immensa voz! que prédicas estranhas!
E como freme com terrível vida
A aza que o libra em extensões tamanhas!

Ah! quando em pé no monte, e a face erguida
Para a banda do mar, escuto o vento
Que passa sobre mim a toda a brida,

Como o entendo então! e como attento
Lhe escuto o largo canto! e, sob o canto,
Que profundo e sublime pensamento!

E contada, ocupa um lugar enovado.

Eil-o, o Anciã-dos-dias! eil-o, o Santo,
 Que já na solidão passava orando,
 Quando inda o mundo era nêgrume e espanto!

Quando as fórmas o orbe tenteando
 Mal se sustinha e, incerto, se inclinava
 Para o lado do abysmo, vacillando;

Quando a Força, indecisa, se enroscava X
 Às espiraes do Chãos, longamente,
 Da confusão primeira ainda escrava:

Já elle era então livre! e rijamente
 Sacudia o Universo, que acordasse...
 Já dominava o espaço, omnipotente!

Elle viu o Principio. A quanto nasce
 Sabe o segredo, o germen mysterioso.
 Encarou o Inconsciente face a face,
 Quando a Luz fecundou o Tenebroso.

III

Fecundou!... Se eu nas mãos tomo um punhado
Da poeira do chão, da triste areia,
E interrogo os arcanos do seu fado,

O pó cresce ante mim... engrossa... alteia...
E, com pasmo, nas mãos vejo que tenho
Um espirito! o pó tornou-se idéa!

Ó profunda visão! mysterio estranho!
Ha quem habita alli, e mudo e quedo
Invisivel está... sendo tamanho!

Espera a hora de surgir sem medo,
Quando o deus encoberto se revele
Com a palavra do immortal segredo!

Surgir! surgir! — é a ancia que os impelle
A quantos vão na estrada do infinito
Erguendo a pasmosissima Babel!

Surgir! ser astro e flôr! onda e granito!

Luz e sombra! attracção e pensamento!

Um mesmo nome em tudo está escripto —

.....

Eis quanto me ensinou a voz do vento.

1865-1874.

ÍNDICE

LIVRO PRIMEIRO

I — Pantheismo	7
II — Á Historia	15
III — A Idéa	35
IV — Pater	43
V — A uns politicos	59
VI — Dialogo	69
VII — Luz do sol, luz da razão	71
VIII — Et cœlum et virtus	77
IX — Tentanda via	81
X — Mais luz !	89

LIVRO SEGUNDO

I — These e antithese	93
II — Secol' si rinnova	95
III — Como o vento ás sementes do pinheiro	109
IV — Justitia mater	111
V — No Templo	113
VI — Palavras d'um certo morto	117
VII — Aos miseraveis	119
VIII — A um Crucifixo	129
IX — Por mais que o mundo acclame os vãos triumphadores	131
X — Sombra	133

XI—	Carmen legis.	137
XII—	A espada inexoravel, que flammeja.	14 ^b
XIII—	Versos escriptos n'um missal	147
XIV—	À Europa	151
XV—	Ha dous templos no espaço	159
XVI—	Pobres	161
XVII—	Accusação.	171
XVIII—	Flebunt euntes.	173

NOTA DO EDITOR

I—	Índice da 1. ^a edição das «Odes modernas».	191
II—	Textos omitidos na 2. ^a edição das «Odes modernas».	192
III—	Variantes da 2. ^a edição.	199

*Sobre este mesmo chão dos cativados
Semear a sara da lei noes (p. 51)
(53)*

Ave a q̃ o vento desfez o vinho: 17

Eruditos: 153

Saudação ao passado: 85, 173 e 448.

Astros do céu do pensamento:

Burguesia: 196

Sonetos: A Idéia (35); Diálogos (69); Mais luz (89);

Tem e Anti tem (93); Justiça maior (111)

Palavras de um certo morto (117); A um

cruicifixo (129) Doze anos depois (130)

59-A

PRIMAVERAS
ROMANTICAS

VERSOS DOS VINTE ANNOS
(1861-1864)

FOR
ANTHERO DE QUENTAL

3.^a EDIÇÃO



COIMBRA
IMPRESA DA UNIVERSIDADE
1926

grados de cada coração são os sentimentos sinceros que já ali habitaram e viveram. A religião espiritual marca-lhes um culto particular.

Depois, d'esse passado de ingenua e quasi sublime illusão, ha ainda um ensino pratico, immediato, a extrair para a vida real, para a vida da acção e da justiça. Essas illusões como que nos estão dizendo de continuo, na sua linguagem mysteriosa: «Fostes crianças: sois já homens. Pois sêde agora homens tão lealmente, tão completa e resolutamente como então soubestes ser crianças. Ponde nas acções fortes a alma, o ardor intrepido que puzestes nos sentimentos apaixonados... e não teremos existido de balde!»

Se isto é assim, encontrarão ainda os espiritos justos alguma utilidade moral n'estes versos de rapaz.

Porto, 10 de Janeiro de 1872.

INDICE

	Pag.
DUAS PALAVRAS	v
—	
BEATRICE	1
PEPPA.	25
IDYLIO SONHADO	53
MARIA	65
CANTIGAS :	
À guitarra	95
Ao luar	105
Limociro verde	111
POESIAS DIVERSAS :	
I. Amor alegre	119
II. Nuvens da tarde	123
III. Metempsychose	127
IV. Do inglez de Edgar Poe.	129
V. Intimidade.	133
VI. In urna perpetuum ver	135
VII. Emquanto outros combatem	139
VIII. A uma mulher.	141
IX. Amor ao mar	143
X. Velut umbra (a João de Deus).	147
Resposta (de João de Deus)	149
XI. Une femme qui tombe	151
XII. Uma amiga	157
XIII. Das Unnennbare	159
XIV. A uma poetisa	161
XV. A uns quinze annos.	167
XVI. Despondency	169
XVII. A Carlos Baudelaire.	171
XVIII. Versos, escriptos n'um exemplar das <i>Flôres do Mal</i>	175
XIX. Saudades pagans.	177
XX. Primeiros conselhos do outomno.	193

Mae: 42

~~Bangor~~ 96

9.4.14